

Representações sociais dos participantes dos “Rolezinhos” através das mídias digitais

Social representations of participants of “Rolezinhos” through digital media

Lucas Sant'Ana NUNES¹
Claudio BERTOLLI FILHO²

Resumo

Este artigo se compromete a analisar como os participantes dos “rolezinhos”, em sua maioria jovens negros e de periferia, foram representados nas mídias digitais e quais os impactos dessas construções simbólicas para a vida social. Utilizando o conceito de representação social de Moscovici, pretende-se realizar uma análise de conteúdo a partir do portal de notícias *online* da Folha de São Paulo, além de analisar os comentários dos internautas logo após a narração jornalística. Constata-se que o jovem negro e de periferia, que participa dos “rolezinhos”, é criminalizado na sociedade, causando medo no ambiente social da classe média, sendo representado muitas vezes como vândalo e perturbador da ordem social que havia se estabelecido nos espaços privados de consumo.

Palavras-Chave: Representações Sociais. “Rolezinhos”. Jovens negros e de periferia.

Abstract

This article aims to analyze how the participants of the "rolezinhos", mostly black and peripheryc young people, were represented in digital media and what the impacts of these symbolic constructions for social life. Using the concept of social representation of Moscovici, it is intended to conduct a content analysis from the online newsletter Folha de São Paulo, in addition to analyze the comments of Internet users after the news story. It appears that the black and peripheryc young people, which participates in the "rolezinhos", is criminalized in society, causing fear in the social environment of the middle class, represented often as thug and disturbing the social order that had settled in private spaces of consumption.

Keywords: Social Representations. “Rolezinhos”. Black and peripheryc young people.

¹ Mestrando em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
E-mail: lucasnunes1991@gmail.com

² Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: cbertolli@uol.com.br

Introdução

Os “rolezinhos”, reuniões de centenas ou até mesmo milhares de jovens de periferia, na sua maioria negros, em espaços privados de consumo, os *shopping centers*, representaram um dos principais fatos que marcaram o início do ano de 2014. As reuniões, organizadas a partir de sites de redes sociais digitais como o Facebook, envolveram uma série de debates e discussões de intensa participação da sociedade, onde alguns apontavam os eventos como movimentos sociais, outros como apenas uma nova forma de lazer ou então um sintoma dos desdobramentos da sociedade do consumo. Destarte, os “rolezinhos” se caracterizam como fenômenos de sociabilização que se destacaram por sua tamanha complexidade, uma vez que podem ser vistos sob diferentes perspectivas.

No entanto, é necessário analisar como tais eventos foram representados pela mídia e como se deu a recepção do público sobre o assunto. De que forma a mídia influenciou as percepções da população sobre os jovens “rolezeiros”? Como os grandes veículos de comunicação e as redes digitais construíram ou reproduziram representações sociais destes indivíduos? Quais os impactos dessas construções simbólicas para a vida social? Estas questões parecem estar ainda em aberto e são o principal objetivo proposto por este artigo. Através desta problemática, o presente estudo se compromete a verificar quais construções simbólicas estão inseridas neste contexto, identificando como se operam os processos de produção de sentido, além de analisar como o imaginário social é influenciado por estas concepções.

Esta questão pode ser vista como uma das discussões mais relevantes em termos sociais no cenário brasileiro atual, uma vez que o aumento do poder de consumo das classes menos favorecidas e marginalizadas - e seu consequente acesso aos espaços privados de lazer - começa a entrar em choque com os padrões de sociabilidade estabelecidos pelas classes mais favorecidas. Estas tensões se estabelecem pelo fato de que o jovem negro e os moradores de periferias passam a afirmar suas identidades na sociedade, desejando serem reconhecidos como cidadãos e seres humanos, o que historicamente tem sido negado pelo restante da sociedade, inclusive pela “elite ilustrada” (SKIDMORE, 2012; SCHWARCZ, 2013). A problemática se constitui a

partir da afirmação simbólica de existência do jovem da periferia, que deseja ser reconhecido e visto na sociedade, que por sua vez o marginaliza e o criminaliza em diversas oportunidades.

Partindo desta perspectiva, é necessário discutir os aspectos ligados ao preconceito racial e social inseridos no contexto deste episódio recente, haja visto a tendência em omitir tais questões devido à uma falsa ideia de “democracia racial”, onde o racismo, apesar de presente nas relações sociais cotidianas, é negado nas mais diversas esferas, acreditando-se que existiria uma harmonia entre os grupos sociais e raciais na sociedade, pensamento que leva a um raciocínio equivocado sobre a realidade. (VALENTE, A. L. E. F. 1994)

O presente estudo tem o objetivo de verificar como essas construções simbólicas legitimam certas representações sociais e identidades a respeito dos jovens negros e da população de periferia. Utilizando o conceito de representação social de Serge Moscovici, pretende-se descortinar como os participantes de os movimentos foram representados socialmente nas mídias digitais, realizando uma análise de conteúdo a partir de um portal de notícias de grande circulação na Internet, a Folha de São Paulo, além de analisar os comentários dos internautas sobre as notícias logo após a narração jornalística dos fatos.

Como principais resultados, pode-se citar a maior ocorrência de representações que associam o jovem negro e de periferia ao tumulto, à baderna, à pândega e principalmente à perturbação da ordem social estabelecida nos espaços privados e públicos de consumo, tanto na veiculação jornalística como nos comentários dos usuários dos veículos de comunicação. Essas representações se constroem como a legitimação de determinadas identidades ligadas aos jovens “rolezeiros”, o que mostra uma tentativa de criminalizá-los e marginalizá-los na sociedade.

Ao se apresentarem em espaços construídos para abrigarem os representantes das camadas médias urbanas, os jovens da periferia são vistos como os "outros", invasores potencialmente capacitados e preparados para quebrar as regras e ferir a ordem pré-existente. Nestes termos, o tratamento que foi imposto pelos "estabelecidos" a tais jovens, como pontifica Elias e Scotson (2000), é aquele destinado aos "outsiders", implicando em falas e atitudes que tendem a ressaltar, mesmo que escamoteadamente, a inferioridade e periculosidade dos “invasores”. Tais demonstrações de superioridade

pautam-se em representações do pobre periférico ou interiorano historicamente articuladas na cultura brasileira, que definem à boca pequena tais as camadas subalternas como sendo a "ralé", destituída de noções de sociabilidade afinada com a sensibilidade dos mais ricos e também com o universo no qual todas as situações fluem para reações alimentadas pela violência (SOUZA, 2009). Desse encontro entre experiências sociais e culturais em larga escala diferenciada, surge a tensão incitadora de que representações geralmente escamoteadas e/ou silenciadas venham a luz e desvelem arquiteturas simbólicas que, no final, todos sabemos existir e reger o cotidiano, mas que geralmente são preservadas sob o manto do silêncio. Nesta perspectiva, os episódios que a mídia denominou como rolezinho constituem-se em situações paradigmáticas que merecem ser analisadas pelas luzes acadêmicas.

Teoria das representações sociais de Serge Moscovici e a comunicação midiática

Antes de partir para a análise realizada a partir do objeto de estudo e do material coletado, se faz necessária a correta conceituação da teoria das Representações Sociais desenvolvida por Serge Moscovici.

O conceito de Representação Social, cunhado pelo psicólogo social romeno naturalizado francês Serge Moscovici, se trata de uma atualização do conceito de Émile Durkheim de Representação Coletiva. Moscovici, estudou como a psicanálise era representada socialmente e percebida pela população parisiense, trazendo importantes contribuições para algo que se tornou mais tarde uma teoria das Representações Sociais, possibilitando estender o estudo a outras áreas por diversos autores.

A origem etimológica da palavra representação remonta ao termo latino 'representare', que significa 'fazer presente' ou 'apresentar de novo'. Portanto, para fazer presente algo ou alguém é necessário o intermédio de uma representação. As representações estão ligadas sempre a um objeto ou sujeito, que será representado através de formas simbólicas.

Portanto, as representações sociais podem ser definidas como "uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante. (MOSCOVICI, S. 2007, p. 207)"

Dessa forma, as Representações Sociais carregam em si a possibilidade de explicar a realidade aos indivíduos, além de fazer com que as pessoas e grupos possam se situar na sociedade, adquirindo assim um nível identitário. Ou seja, as Representações Sociais possuem um papel crucial na elaboração de mecanismos de auto-imagem e visão social dos grupos ou indivíduos.

Os indivíduos, portanto, passam a obter quadros de referência para basear suas próprias vidas e comportamentos, sabendo quais práticas são aceitas socialmente. A representação social é o que vai ditar aquilo que é aceitável e lícito em um determinado contexto social. No entanto, como face da mesma moeda, as representações sociais podem alargar as diferenciações entre os grupos sociais, podendo contribuir para causar estereótipos e discriminações, já que são construções simbólicas negociadas culturalmente entre o indivíduo, os grupos sociais e a própria sociedade como um todo.

Desse modo, Jodelet (2001, p. 27) afirma que há quatro características fundamentais no ato da representação social:

- a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito);
- a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações);
- a representação será apresentada como uma forma de saber: de modelização do objeto diretamente legível em diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais - ela é uma forma de conhecimento;
- qualificar esse saber de prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos contextos e condições em que ele o é e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro.

Segundo Moscovici (2007), através do processo de ‘ancoragem’ é possível classificar, organizar, encontrar um lugar e dar nome àquilo que não é familiar ao indivíduo. O processo de ancoragem se trata de imaginar e representar aquilo que é diferente em um primeiro momento, associando esta representação à algo que já faz parte do universo de representações do indivíduo. Já o processo de objetivação é responsável por transformar algo abstrato em algo que exista no mundo físico, ou seja, de tornar presente aquilo que está ausente. É através destes dois processos que as Representações Sociais se estruturam e ganham vida no cotidiano social.

A realidade social, através desta perspectiva, é vista como um contexto no qual se situam pessoas e grupos, formado a partir das relações existentes entre estes conjuntos através de sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos e valores ligados à estas vinculações sociais e os processos comunicativos inseridos neste contexto. Em outros termos, a representação social é aquilo que dá sentido aos eventos cotidianos e práticas sociais.

Os comportamentos na sociedade são ditados pelas elaborações cognitivas e simbólicas. Ou seja, existe uma negociação constante entre o indivíduo e a sociedade, onde as representações sociais e os processos comunicativos assumem uma importância crucial. As representações sociais compõem um importante conceito a ser utilizado pois todas as coisas que nos tocam no mundo social são reflexos ou produtos das representações sociais. Em outras palavras, para Serge Moscovici todas as representações sociais são originadas a partir da realidade social.

As representações, portanto, seriam formas simbólicas que mediam todo o sistema de classificações do ser humano, sejam elas ligadas ao âmbito científico ou ao senso comum. Além disso, as Representações Sociais apresentam um papel fundamental pois desempenham uma função importante de contribuir para a formação de comportamentos, sendo orientadas através de atos comunicativos e processos negociados entre os indivíduos e a sociedade.

É precisamente a pluralidade objetiva da vida social que constrói a rede intersubjetiva que constitui a realidade de um tempo e lugar histórico. É na relação triádica entre sujeito-objeto-sujeito que encontraremos tanto a possibilidade da construção simbólica como os limites dessa construção. Porque a cada sujeito que investe o objeto com sentidos a partir do seu lugar particular no tempo e no espaço, compete reconhecer as construções de *outros* sujeitos que também ocupam posições particulares no tempo e no espaço. A significação, portanto, é um ato que tem lugar (e só pode ocorrer) numa rede intersubjetiva, entendida como uma estrutura de relações sociais e institucionais dentro de um processo histórico. (JOVCHELOVITCH. 2002, p. 78)

Nota-se que as representações sociais não são impostas pela sociedade ou por uma ideologia dominante, considerando o receptor das mensagens nos processos comunicativos como alguém que não possui criticidade. Ao contrário, as representações

sociais são resultado de um processo em que o indivíduo participa de maneira ativa e consciente:

Nas ruas, bares, escritórios, hospitais, laboratórios, etc. as pessoas analisam, comentam, formulam “filosofias” espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como eles educam seus filhos, como planejam seu futuro, etc. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhes fornecem o “alimento para o pensamento”. (MOSCOVICI, S. 2007, p.45)

Neste contexto, a chamada “Grande Mídia”, formada pelos meios tradicionais de comunicação – TV, rádio, jornalismo impresso – e as novas mídias digitais possuem um papel fundamental, pois são responsáveis por reproduzir e legitimar uma série de representações sociais, ocasionando impactos que se estendem para todas as esferas da vida humana, já que as representações sociais ditam a maneira como a identidade de um grupo social será construída, bem como este será localizado na sociedade. Em outras palavras, a Comunicação Midiática possui um destaque central na disseminação, fundamentação e legitimação de representações sociais que servirão de quadros de referência para que seus receptores pautem suas interações e relações sociais, identificando e ancorando identidades em um processo cotidiano.

É interessante analisar como, em tempos de crise e mudanças na sociedade, as representações sociais se tornam mais evidentes, pois novos cenários requerem um novo entendimento por parte dos indivíduos. Ou seja, quando mudanças sociais ocorrem, se faz a necessidade de explicar os novos quadros e os indivíduos passam a produzir, ou reproduzir, representações sociais para entender as novas configurações da sociedade:

O caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo, ou suas imagens, está passando por mudanças. As pessoas estão, então, mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias coletivas são excitadas e o comportamento se torna mais espontâneo. Os indivíduos são motivados por seu desejo de entender um mundo cada vez mais não-familiar e perturbado. (MOSCOVICI, S. 2007, p. 91)

Assim sendo, surge a necessidade de descortinar quais construções simbólicas

foram produzidas, ou então reproduzidas, através dos meios de comunicação digitais pois o novo cenário elaborado pelos “rolezinhos” introduziu novas representações sociais na vida cotidiana. Para analisar este quadro, portanto, utiliza-se nesta pesquisa a Análise de Conteúdo que pretende sistematizar as temáticas envolvidas nas representações sociais veiculadas pela mídia e na recepção dos internautas através de seus comentários.

Partindo deste pressuposto, a metodologia se pautou em analisar 2 editoriais do portal de notícias virtual da Folha de São Paulo que tinham como enfoque os “rolezinhos”, intitulados “Rolezinhos” e “‘Rolezinho’ sem moral”, de 2 de janeiro de 2014 e 24 de janeiro de 2014, respectivamente, e 15 comentários dos internautas logo após a narração jornalística do portal. Para realizar este levantamento, foram elaborados tabelas, gráficos e análises que serão explanados a seguir sobre quais eram as representações sociais associadas ao manifestante, além de analisar possíveis causas e consequências sociais para tais representações, inferindo em seu impacto na sociedade.

Análise das representações sociais associadas ao participante dos “Rolezinhos”, resultados e discussões

Os “rolezinhos”, eventos sociais de jovens negros e de periferia viabilizados através de sites de redes sociais como o Facebook, foram eventos marcantes do início do ano de 2014. Logo após as manifestações de junho de 2013 em diversas cidades brasileiras, os “rolezinhos” se mostraram como acontecimentos de intensa participação social, grande cobertura da mídia e, para muitos, representaram uma possível ameaça ao bem-estar da classe média, frequentadora dos espaços privados de lazer e consumo, os *shopping centers*. Este medo, um delírio infundado das classes mais favorecidas e conservadoras, já que os jovens possuem o mesmo direito de ir e vir aonde bem entenderem como qualquer outro indivíduo de outra classe social, usufruindo das benesses do lazer e do consumo, se manifestou através da cobertura da mídia brasileira, onde os participantes dos “rolezinhos” foram imediatamente representados como um perigo à “ordem” estabelecida nos ambientes de lazer, questionando o *status quo*.

Tal problemática parece enfatizar, em um primeiro momento, como o preconceito racial e o preconceito social estão intimamente ligados na realidade

brasileira, uma vez que os negros ainda ocupam uma posição marginalizada na sociedade:

No caso dos negros, a linha de cor passou a se confundir com a linha de classe. Em outras palavras, a maioria deles passou a ocupar as mais baixas posições na sociedade. Hoje, a maioria dos negros continua pobre. É verdade que existem brancos nas mesmas condições, porém a “classe privilegiada” é constituída por brancos. Também é verdade que há negros “ricos” mas eles são a exceção que confirmam a regra. (VALENTE, A. L. E. F. 1994, p. 38)

Portanto, como verifica-se, é possível encontrar indícios não somente do preconceito relacionado aos aspectos sociais, mas também aos relacionados à questão racial, mostrando que o jovem que participa dos rolezinhos passou a ser posicionado como um indivíduo que não pertence aos espaços sociais de lazer e consumo da sociedade atual.

A análise a seguir, a respeito da forma como o “rolezeiro” - jovem negro e de periferia, em sua maioria – foi representado através das mídias digitais, tomando como objeto o portal de notícias *online* da Folha de São Paulo, bem como os comentários de usuários que consomem nos conteúdos jornalísticos, mostra como se deu a classificação destes jovens, muitas vezes associados à baderna, ao tumulto, enfim, à perturbação do ambiente do *shopping center*.

Através da Tabela 1 - Frequência de Ocorrências de Representações Sociais ligadas aos Participantes dos "Rolezinhos" nos Editoriais da Folha de São Paulo, que se encontra a seguir, pode-se observar algumas tendências à representação social do “rolezeiro”, bem como as principais construções simbólicas que o caracterizam, no ponto de vista do veículo de comunicação estudado.

Tabela 1 - Frequência de Ocorrências de Representações Sociais ligadas aos Participantes dos "Rolezinhos" nos Editoriais da Folha de São Paulo

Frequência de ocorrências	
Tumultuadores, Bagunceiros, Pândegos,	4

Exibicionistas, Desrespeitadores	
Jovens, adolescentes	4
Pobres	2
Multidão, Aglomeração	2
Moradores de periferia	1
Frequentadores do shopping	1
Negros	1
Questionadores do <i>status quo</i> e da cultura do consumo	1

Mediante essa análise, pode-se perceber algumas construções que se repetem ao caracterizar o participante dos “rolezinhos”, como a caracterização de sua faixa etária, “jovens” e “adolescentes”, além da menção aos aspectos sociais e raciais, “pobres”, “moradores de periferia” e “negros”. Estas menções certamente não importariam e nem precisariam ser feitas caso o espaço privado de consumo e lazer não fosse visto como um ambiente que só pode atender às necessidades das classes mais favorecidas e dos brancos. Através desta perspectiva, é importante citar que são pobres e negros pois isso parece mostrar que o jovem participante do “rolezinho” não pertence ao ambiente do *shopping center*.

Contudo, a construção simbólica que aparece mais em evidência é constituída por uma série de termos que situa o participante do “rolezinho” como vândalo, tumultuador, pândego, bagunceiro, exibicionista e desrespeitador. Estas expressões não são surpresa quando se leva em conta o componente ideológico em que a Folha de São Paulo se presta e ao público de classe média que consome majoritariamente seus conteúdos, mas os termos utilizados pelo veículo reiteram uma visão nada conciliadora e amistosa por parte do público que o jornal representa.

Contudo, o que surpreende é o aparecimento do termo “questionador do *status quo* e da cultura do consumo” e “frequentadores do shopping” para representar o participante do “rolezinho”, mesmo que isso tenha-se dado em menor número. As representações mostram que a Folha começa a enxergar um componente de mobilização social de contestação nas reuniões dos adolescentes, além de reconhecê-los como indivíduos que também possuem o direito de ir e vir em ambientes públicos e privados,

podendo realizar o ato do consumo.

A seguir a Tabela 2 - Frequência de Ocorrências de Representações Sociais ligadas aos Participantes dos "Rolezinhos" nos Comentários dos Editoriais da Folha de São Paulo, pode-se observar as construções simbólicas pelas quais os comentaristas do portal de notícias se utilizam para representar os "rolezeiros":

Tabela 2 - Frequência de Ocorrências de Representações Sociais ligadas aos Participantes dos "Rolezinhos" nos Comentários dos Editoriais da Folha de São Paulo

Frequência de ocorrências	
Tumultuadores, vândalos, bagunceiros, badernistas	7
Nova classe média	2
Miseráveis intelectualmente	1
Jovens	1
Multidão	1
Pobres	1

Como se pode observar, através da tabela precedente, a visão dos comentaristas e internautas que consomem as notícias da Folha de São Paulo na Internet é ainda mais radical a respeito dos participantes dos "rolezinhos". Neste ponto, os jovens são representados como Tumultuadores, vândalos, bagunceiros, e badernistas pela grande maioria de comentários. Em um determinado comentário, o usuário sugeriu que os jovens participantes destes eventos seriam não somente pobres financeiramente, mas "miseráveis intelectualmente", apontando que além de serem desprovidos de condições sociais e capital para estar naquele ambiente, também não portam o "intelecto" necessário para frequentar espaços privados de lazer e consumo.

Ademais, os jovens negros e de periferia também foram vistos como o retrato da "nova classe média", em um contexto onde as classes menos favorecidas conquistaram um maior poder aquisitivo e agora estão aptas a frequentar e usufruir dos mesmos espaços e bens que antes ficavam restritos à classe média e assim por diante.

Este contato dos jovens negros e de periferia com o mundo antes frequentado

somente por brancos da classe média ocorre em uma lógica problemática e conflituosa, onde os jovens rolezeiros tentam manifestar seus códigos próprios de sociabilidade e seu jeito particular de articulação social, mas são identificados como indivíduos que não possuem o suposto “grau de civilidade” necessário para frequentar o *shopping center*, aspecto que deixa entrever como os códigos deste espaço social são estabelecidos pelas classes mais favorecidas e pelos brancos:

Na área de contato com o branco, onde o negro não aparece despojado dos valores de seu mundo social próprio, suas identificações morais ou culturais não possuem nenhuma eficácia e não contam para nada na determinação do clico de ajustamento inter-racial. Nessa área, o negro vive nos limites de sua segunda natureza humana e tem de aceitar e submeter-se às regras do jogo, elaboradas para os brancos, pelos brancos e com vistas à felicidade dos brancos. (FERNANDES, F. 1972, p.12)

Observa-se, então, que historicamente os negros tem sido associados simbolicamente à vagabundagem, à pândega, à preguiça para o trabalho – que justificaria sua condição social -, à irracionalidade de suas tradições e culturas e à falta de civilidade de seus costumes. (AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. 1987). Sob esse viés, pode-se concluir que os negros tiveram sua conduta e seus códigos de sociabilidade sempre ligados à uma estereotipia negativa, em que seus costumes e traços culturais são vistos como formas não civilizadas de expressão.

Os termos “multidão”, “jovens” e “pobres” são construções que servem de apoio para caracterizar e diferenciar os participantes dos eventos sociais e mostram como o componente social e econômico possui relevância para distinguir e identificar grupos sociais, assim como foi realizado na elaboração dos próprios editoriais.

Historicamente, os negros representam um grupo social marginalizado, que mesmo após a abolição da escravidão, tiveram que enfrentar graves problemas sociais como o desemprego, o subemprego e a vida em locais que apresentam condições subumanas:

Tal como aconteceu logo após a abolição da escravidão, as taxas de desemprego e de subemprego continuam maiores entre os negros do que entre os brancos. Os negros geralmente conseguem trabalho de pouco prestígio social.

Consequentemente é grande o número de negros residindo em locais pobres, como nas favelas. (VALENTE, A. L. E. F. 1994, p.37)

Ademais, a discriminação racial é um dos fatores mais evidentes de exclusão social no Brasil, o que acaba ocasionando uma falta de emprego e renda adequados já que “é fato bem conhecido que esta gente é considerada “branca” se goza de uma renda confortável e do correspondente status social e “negra” se ocorre o contrário.” (SINGER, 2000, p.63)

Pode-se então, observar que os negros foram historicamente marginalizados nos espaços sociais. Ao longo do tempo, criou-se a ideia de que o lugar do negro é o bairro pobre, a periferia, a favela. Sob esse viés, foi naturalizada a visão de que o branco de classe média não pode se “misturar” no mesmo espaço físico com indivíduos negros e que são provenientes das camadas pobres da sociedade. Os espaços públicos e privados de lazer e consumo passam, portanto, a serem destinados à uma classe média branca que possui a prerrogativa de frequentá-los, enquanto que os grupos sociais que não compõem este conjunto devem se contentar com as áreas pobres e deterioradas da cidade.

Através desta visão, mesmo quando o negro passa a frequentar locais privados de lazer e consumo como clubes, restaurantes, hotéis e *shopping centers* ele é visto como um elemento não pertencente ao ambiente, fator que o leva a ser repetidamente confundido com um funcionário ou empregado do local, já que, segundo tais ideias dominantes, ele não possuiria o capital social e simbólico necessário para estar em tais espaços.

Observa-se, então, que para além do preconceito racial, existem fortes indícios de preconceito de classe, pois os jovens rolezeiros são marginalizados não somente na sociedade, mas nos ambientes de lazer capitalistas, já que não compõem grupos que estão aptos a promover o ato de consumo, devido à sua condição social: “a ‘marginalidade’ é, em geral, conceituada como não integração na economia capitalista e não participação em organizações sociais e no usufruto de certos serviços sociais”. (SINGER, P. 1990, p.57)

Tais diferenciações e estereótipos fazem com que a questão do preconceito não seja ligada somente à um problema racial, mas também um problema de classe:

O negro vive então obrigado a ter uma consciência dupla: uma diante do branco e de si mesmo como membro de outra “raça” ou grupo étnico, que implica uma diferenciação social específica; e outra como membro de uma classe social ante os membros de outras classes. (VALENTE, A. L. E. F. 1994, p.15)

Considerações finais

Desde seu início, as reuniões de centenas ou até milhares de jovens negros e de periferia em espaços privados de lazer e consumo se mostraram como uma afirmação simbólica da existência destes grupos sociais. O jovem, dotado de seus próprios códigos culturais e padrões de sociabilidade, jeito de andar e se vestir, deseja ser visto e reconhecido na sociedade, sociedade esta que produz esforços incessantes para marginalizá-lo.

Estes grupos sociais, historicamente criminalizados por suas origens sócio-econômicas e raciais buscam a auto-afirmação de sua própria identidade, passando a obter o direito de usufruir dos mesmos espaços de lazer e consumo próprios da classe média. A questão suscita uma contradição interessante na sociedade atual do ponto de vista da organização da estrutura urbana: a partir da deteriorização dos espaços públicos de lazer, o indivíduo passa a buscar um espaço de convivência nos espaços privados, como os dos *shopping centers*. Em última instância, os “rolezinhos” são sintomas da conjuntura neoliberal vivida pela sociedade, onde até mesmo o lazer e a convivência social são relegados ao capitalismo e ao mundo do consumo. Os espaços públicos de lazer, há muito degradados pela falta de manutenção e interesse do Estado já não são mais pontos de convivência social, cabendo aos espaços privados de empresas fornecer o lazer que os grupos sociais necessitam para conquistar e manter seu bem-estar.

A sociedade, de uma forma geral, se vê com medo do jovem de periferia pois o espaço que era das classes mais favorecidas passa a se popularizar entre as classes menos favorecidas, deixando de ser um ambiente diferenciado no universo simbólico do status social. Neste ambiente bonito, esterelizado e que esconde as mazelas sociais, que é o shopping center, o jovem negro e da periferia é tido, de maneira preconceituosa e discriminatória, como um intruso. Dessa forma, o jovem participante dos “rolezinhos” é visto, muitas vezes, como vândalo e perturbador da ordem social que havia se

estabelecido nos espaços privados de consumo. Em suma, tais indivíduos são vistos como elementos que não pertencem à estes espaços sociais, uma vez que a sociedade os empurra para os locais pobres e degradados da sociedade, caracterizando um processo sócio-histórico há muito conhecido.

A convivência com o outro em uma sociedade como esta se configura em uma lógica conflituosa, onde a classe média avalia os códigos de sociabilidade dos jovens participantes dos “rolezinhos” como inadequados para a convivência social no *shopping center*, pois tendo estabelecido seus próprios códigos de sociabilidade, as classes mais favorecidas apresentam sérias dificuldades em aceitar aquilo que foge a seus padrões.

A principal questão, portanto, inserida no contexto dos “rolezinhos”, vistos como movimentos de expressão social, parece ser a afirmação das identidades das classes menos favorecidas, dos jovens, dos negros e da população que vive na periferia. Este grupo social deseja estar presente na sociedade, ganhar legitimidade e passar a ser visto não como indivíduos criminalizados e marginalizados, mas como pessoas que possuem códigos culturais e principalmente uma identidade própria.

Resta à sociedade responder a uma pequena provocação: se estes jovens fossem brancos e de classe média, eles representariam uma ameaça ao *status quo*, à ordem pré-estabelecida dos *shopping centers*? Seriam eles vistos como badernistas, tumultuadores, exibicionistas ou estariam somente exercendo suas prerrogativas enquanto indivíduos inseridos em um mundo de lazer e consumo oferecidos pelo sistema capitalista atual?

Referências

AZEVEDO, Celia Maria Marinho. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1972.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S. Re(des)cobrimdo o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In: ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 69-82.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SCHWARCZ, L.M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**. São Paulo: Claro Enigma, 2013.

SKIDMORE, T.E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense. 1990.

_____. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. 4. ed. São Paulo: Contexto. 2000.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vivem**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2009.

VALENTE, A. L. E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. 11. ed. São Paulo: Moderna. 1994.